

Entre lençóis

— Miguel Simões

BIOGRAFIA DO AUTOR

Miguel tem 27 anos, está no mestrado da Faculdade de Letras da UFRJ e é mais um desses que encontrou nos estudos, e principalmente na literatura, um modo de construir sua história e ser visto como pessoa. Seu primeiro conto, chamado “Lucia”, foi publicado pela revista **Subversa**.

RESUMO DO TEXTO

Crianças veem o mundo de formas tão diferentes, e ao mesmo tempo tão inocentes. Depois, crescem e não entendem porque são do jeito que são e pensam justamente como pensam. Talvez porque esquecem o que viram quando crianças e como isso pode afetar o modo que enxergam quando adultos.

Em um passado não muito distante, lá pra época dos anos noventa, a violência não era tão alarmante, e, por isso, antes do jornal que precedia a novela, as donas de casa podiam colocar suas cadeirinhas na calçada e se sentar perto umas das outras, para fazer fofoca enquanto as crianças brincavam na rua.

A infância, para quem nasceu nos anos noventa, era boa. Havia época para todo tipo de brincadeira. Tinha a época em que todos só queriam jogar futebol; a época em que ameninada da rua se reunia para brincar de esconde-esconde (mas não podia dar a volta no quarteirão); e a época de empinar pipa, que geralmente era próxima da de soltar pião, o que confundia um pouco, mas no final todo mundo se divertia.

O pequeno Caio morava na antiga Rua Vinte, numa casinha de dois cômodos, alugada pela mãe. Ana era uma empregada doméstica que, como muitas, trabalhava dobrado para sustentar sozinha o filho. A casinha deles ficava num terreno sem muros, com o mato já muito alto, visto que a mãe não tinha tempo para capinar e nem dinheiro para pagar alguém para realizar o serviço.

Ao contrário das outras mulheres da rua, que ficavam o dia todo em casa, limpando o que já estava limpo, enquanto os maridos trabalhavam na fábrica da cidade, a mãe de Caio não chegava do trabalho e colocava sua cadeirinha na calçada a fim de fofocar. Ela não tinha tempo nem paciência para cuidar da vida dos outros, por isso preferia ir beber no bar da esquina. Lá, era amiga de todos, desde a senhora que não falava muito, mas estava sempre tentando a sorte numa máquina de ganhar moedas, até ao dono do boteco.

Enquanto bebia suas cervejas, Caio brincava na rua. As crianças gostavam muito dele, pois sempre que ia ver a mãe no bar, voltava com balas e chocolates que dividia com todo mundo. As outras donas de casa também gostavam daquela família de dois, ou pelo menos era o que deixavam parecer. A verdade é que quando juntavam as cabeças para fofocar, eufóricas, comentavam como era vergonhoso uma mulher solteira, com filho pequeno, ficar todo dia enchendo a cara no bar.

Naquela noite, Ana estava completando trinta anos. Tinha ganhado uma garrafa de conhaque dos seus amigos do bar e bebido metade dela em meio aos brindes com cerveja. Segundo suas próprias palavras, ela se fodia lavando privada dos outros para conseguir criar seu filho, por isso tinha todo o direito de comemorar como bem quisesse.

Caio já estava acostumado a ver sua mãe bêbada, embora não entendesse muito bem como isso acontecia. Sóbria, ela era paciente e amorosa, sempre cansada por causa do trabalho, mas mesmo assim disposta a ouvir as histórias que o filho lia ou inventava. Entretanto, quando bebia, se tornava uma mulher estressada e inconsequente, sempre culpando o menino por tudo de errado que acontecia em sua vida.

Caio guiou a mãe até sua casa, e, por estar tremendo de nervoso pelo estado de Ana, teve um pouco de dificuldade para abrir a porta. Quando conseguiu, Ana foi direto para o banheiro vomitar. Ele ficou um tempo olhando a mãe agachada no chão do banheiro, com a cabeça dentro do vaso, e depois foi trancar a porta da cozinha. Quando voltou, ela estava indo lentamente para a cama, bastante tonta, xingando palavras que não pareciam fazer sentido nenhum. Os dois dormiam na mesma cama de casal, e, assim que ela se deitou, o filho a cobriu com um lençol e pegou outro para ele.

Caio ficou observando a mãe roncar absurdamente alto, até que acabou vencido pelo cansaço e também adormeceu. Mas o sono do menino não durou muito, porque alguns minutos depois acordou, assustado, ouvindo um barulho estranho. Logo, constatou que o som era da janela. Para ser mais específico, de alguém que estava do lado de fora e tentava abrir a janela.

Caio sabia que a tentativa de arrombamento daria certo, porque, apesar de ter trancado a porta da cozinha, tinha ficado tão preocupado com a mãe que esquecera de trancar a janela do quarto. Tentou respirar o mais baixo que podia e controlar a tremedeira que tinha voltado a percorrer seu corpo. Seu coração, tão acelerado, parecia que ia rasgar o peito e pular para fora. Ele viu a janela sendo aberta

devagar e silenciosamente, e, em seguida, duas mãos grandes e esqueléticas irromperem da noite escura.

Primeiro, as mãos se tornaram braços igualmente magros e longos. Uma cabeça raspada e que refletia a luz do luar apareceu, seguida de um tronco estranhamente grande em comparação aos braços finos. Em pouco tempo, a figura estava em pé como um assustador vulto cadavérico, imóvel, observando Caio e sua mãe deitados na cama.

O pequeno sabia que o vulto não o conseguia ver, pois ele tinha se coberto até a cabeça com o lençol, o que possibilitava apenas que ele visse os movimentos do invasor. Assim, acompanhou a figura macabra caminhar até o interruptor ao lado da porta, como se soubesse exatamente onde ficava.

A luz foi acesa. O lençol branco se tornou quase transparente com a iluminação. Caio pôde ver nitidamente um homem e, ao perceber que o homem o olhava, fechou os olhos apressado, e sentiu o lençol ser tirado delicadamente da sua cabeça. Fingiu estar dormindo e foi coberto outra vez. Ele conseguira enganar o invasor. Se sentiu mais aliviado, pois sempre soube que, à noite, se permanecesse totalmente coberto, estaria protegido.

Ainda com a luz acesa, o homem começou a tirar sua roupa, fazendo isso com uma tranquilidade que se tornaria perturbadora. Caio acompanhava cada movimento como se assistisse a um filme em câmera lenta: o ser jogou a camisa, a bermuda e a cueca em um canto do quarto, e apagou a luz antes de se deitar completamente nu entre o menino e sua mãe.

A respiração de Caio estava tão alta quanto os roncos da mãe. Ele nunca chegou a saber exatamente quanto tempo o homem ficou deitado ali, cheirando a suor e bebida. Completamente protegida pelo lençol, aquela criança estava separada do que acontecia no quarto, protegida contra qualquer coisa ruim que pudesse acontecer. Foi dessa forma que, mais uma vez, acabou vencida pelo cansaço e adormeceu.

A luz do sol, que entrava pela janela totalmente aberta, iluminava todo o quarto quando Caio acordou. Ao seu lado, sua mãe permanecia dormindo. Ela havia parado de roncar e o travesseiro estava tampando seu rosto, o que o menino imaginou que era para evitar a luz que entrava pela janela e atrapalhava o sono.

Caio percebeu que a mãe estava sem roupa. Lembrou do homem cadavérico que havia entrado pela janela durante a madrugada, mas não havia mais ninguém naquele quarto além dele e da mãe. Nem mesmo as roupas que haviam sido jogadas ao canto se encontravam ali. Parecia que tinha sido um dos pesadelos mais horríveis que tivera na vida e que, com toda certeza, não esqueceria nem depois de adulto.

O pequeno ia sozinho para a escola todos os dias. Levantava, enquanto sua mãe ainda dormia, passava manteiga no pão, enchia um copo com leite e tomava o café da manhã. Depois de tomar banho e colocar seu uniforme, pegava a mochila, dava um beijo no rosto da mãe e saía. Ela podia dormir até um pouco mais tarde por causa do horário de seu trabalho.

E foram exatamente essas coisas que Caio fez naquela manhã. Exceto que, antes de sair, cobriu a mãe com seu próprio lençol, deixando-a protegida de qualquer coisa ruim que pudesse acontecer; aliviado por agora ela estar dormindo profundamente. Ele se certificou também de a janela estar bem trancada, e só assim saiu correndo para encontrar os outros meninos da rua e ir para mais um dia de aula.